

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

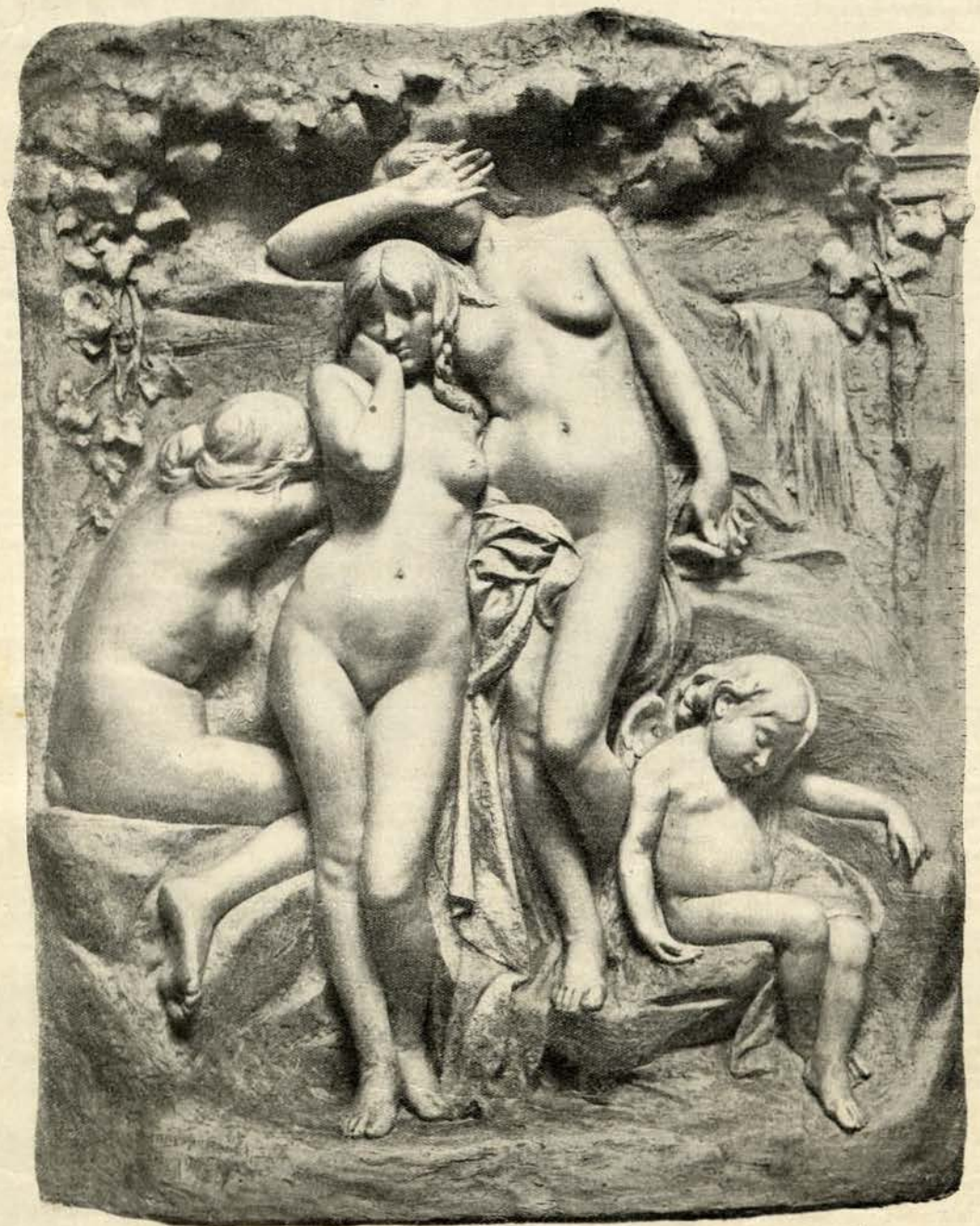
PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1906

NUMERO 119



"As Nymphas do Mondego chorando a morte de Ignez de Castro", esculptura
de Simões de Almeida (Sobrinho)

Chronica

Os circos

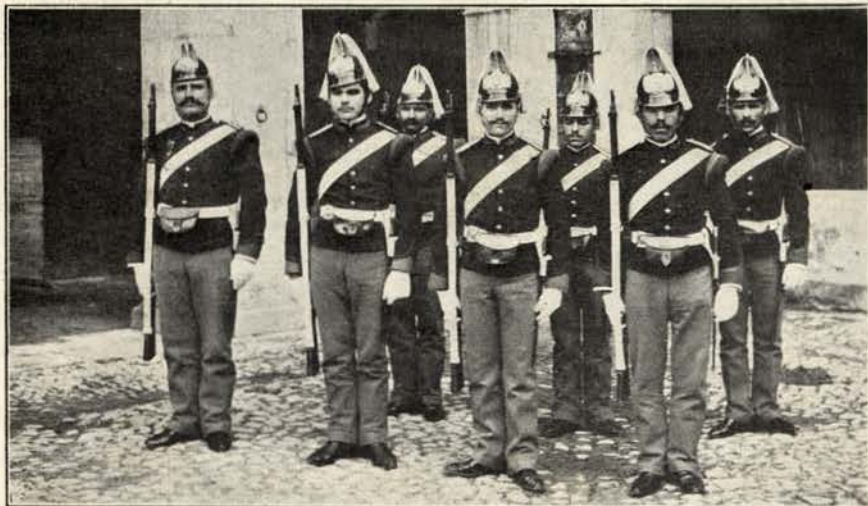
Uma artista do Coliseu que devia fazer o perigoso exercício do auto-bolide despenhou-se do alto d'essa estranha machina, por onde um automovel corre n'uma vertigem louca, e ficou inanimada na arena deante d'um publico afflicto e indignado. N'esse grande movimento piedoso e humano, os espectadores protestaram, ergueram-se nas cadeiras vociferando e increpando o empresario e a autoridade e isso demonstra bem quanto no fundo dos corações ha já uma revolta contra essas exhibições inteiramente deslocadas do nosso tempo. A epoca é toda d'intellectualidade, o espectáculo deve, pois, corresponder á epoca.

Quando nos velhos circoos romanos se atiravam os desgraçados ás feras, se não corria tanto sangue quanto o povo—esse povo barbaro, todo d'instinctos perversos—imaginára ver tingir as arenas, erguiam-se protestos que muitas vezes alvejavam os proprios cezares.

Pelos tempos fóra, nos combates da Edad Media como nos autos de fé inquisitoriaes, havia a aencia de ver immolar gente, não tanto pelo prazer do es-



GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA—Infantaria em pequeno uniforme



GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA—Infantaria em grande uniforme

pectaculo como pela nota terrivel que era necessaria para aquelles cerebros incultos.

O mar de sangue da revolução franceza foi como o signal para a paragem d'essas carnificinas da praça publica e, com o andar dos tempos, á medida que a civilisação ia imperando, todos esses espectaculos começavam a repugnar. Os proprios criminosos, que antigamente eram suppliciados em frente da multidão, soffrem agora o seu castigo no pateo das prisões deante de tres ou quatro pessoas, pelas horas em que as cidades dormem.

As foudas já não offerecem tambem o espectaculo barbaro d'outras eras e tudo isto se apaga deante d'uma alta civilisação á qual não agradam as manifestações do arrojo temerario sem levarem ligadas um alto fim de sacrificio, uma idea larga de abnegação, um grandioso lado que as justifique.

Os circoos começam pois a desagradar; tornam-se como os derradeiros logares onde a civilisação vae vencendo o barbarismo e cada vez mais isso succederá, sobretudo deante das desgraças que succedem assim terribes e assim estranhas.

O artista de circo é um sacrificio. Tem a condição miseravel d'um homem que está destinado mais dia menos dia a ser victima das proprias habilitades. Percorre a Europa; contracta-se por um salario, entra nas arenas a sorrir, mas com estolicismo de quem espera todas as noites um desastre.

Elle é para o empresario uma cousa; quanto mais temerario melhor se paga, quanto mais se arriscar a morrer mais recebe. O empresario só sonha com

rigosas machinas, depois espera o resultado da bilheteira. Se o artista morre, o empresario não soffre cousa alguma, se o artista escapa no seu circo para ir perecer n'outro elle já tem o lucro.

E assim vão pelo mundo centenas e centenas de creaturas cheias de belleza e de força, que com flores nos cabellos caminham para os sacrificios, que com sorrisos nos labios vão fazer as cousas mais pavorosas e que a mais simples idea humanitaria devia impedir de se fazerem.

Essa Maria Tiers, ao ver armar a sua machina, devia pensar que ella podia ser o seu patibulo e, no entanto, ria deante de toda essa gente, desde o empresario ao mais simples moço do circo, para os quaes aquillo era totalmente indifferente sob o ponto de vista dos perigos que a artista ia correr.

E, no entanto, todos nós sentimos uma indignação profunda ao ver nas ruas bater n'um animal e n'uma creança, todos nós temos a alta idea de não deixar correr o sangue humano e todos nós consentimos que n'um circo uma mulher, cheia de vida, de belleza, com uma luz de mocidade nos olhos e um fresco sorriso nos labios, vá metter-se n'uma machina infernal que apenas serve para nos fazer estremecer e para enriquecer não o artista que expõe a vida mas os empresarios que por todo o mundo exploram estes espectaculos, os quaes deveriam ser riscados dos programmas das diversões, porque são arremedos do velho barbarismo.

ROCHA MARTINS.

o lucro. Não vê na mulher bella, cheia de formosura e graça como essa que ficou ás portas da morte, senão o riso, a frescura e a dextreza que podem agradar a certo publico. Réclama-a, põe em cartazes vistosos os seus exercicios, arma as mais pe-

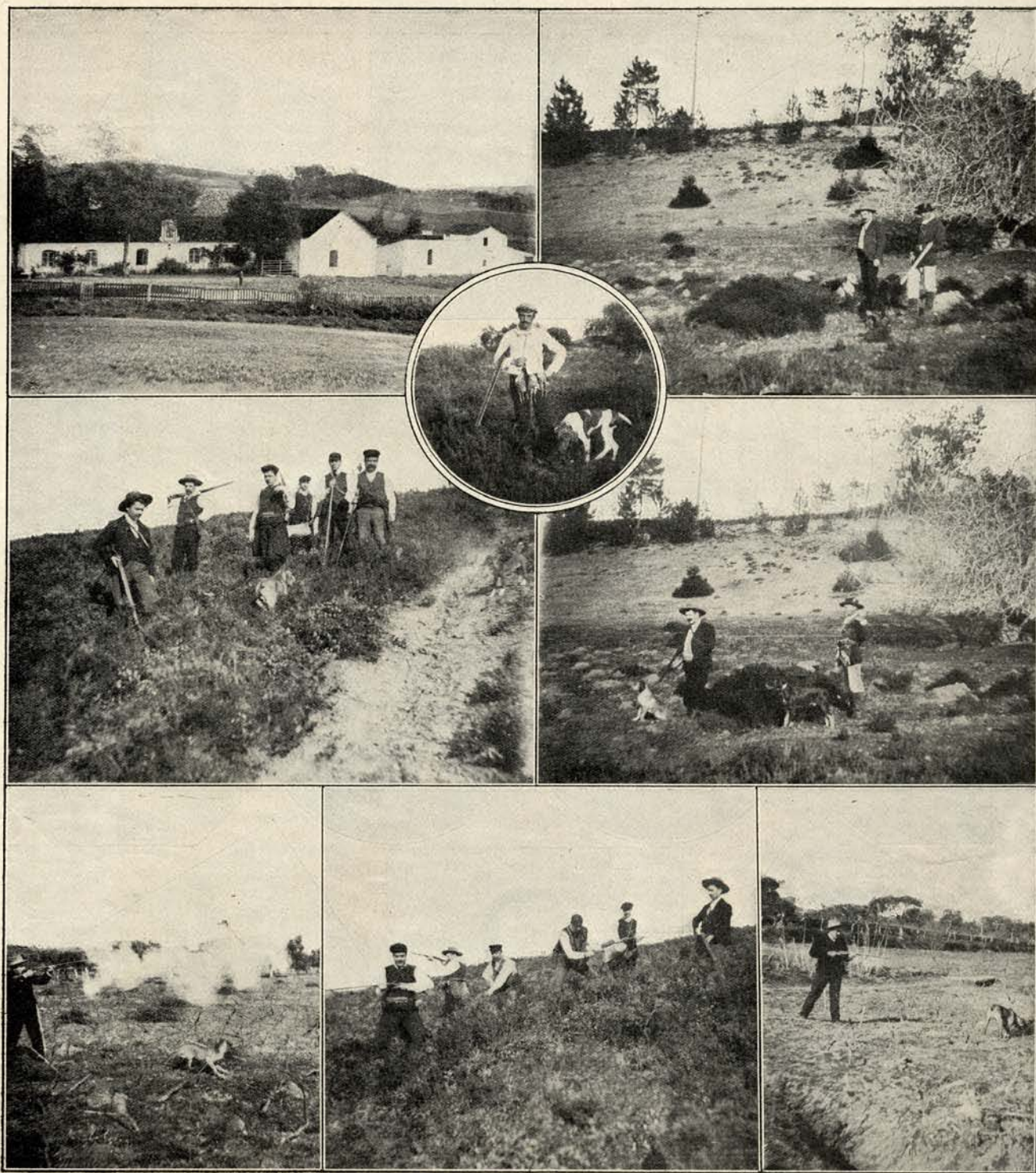


GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA—No quartel: Descascando batatas



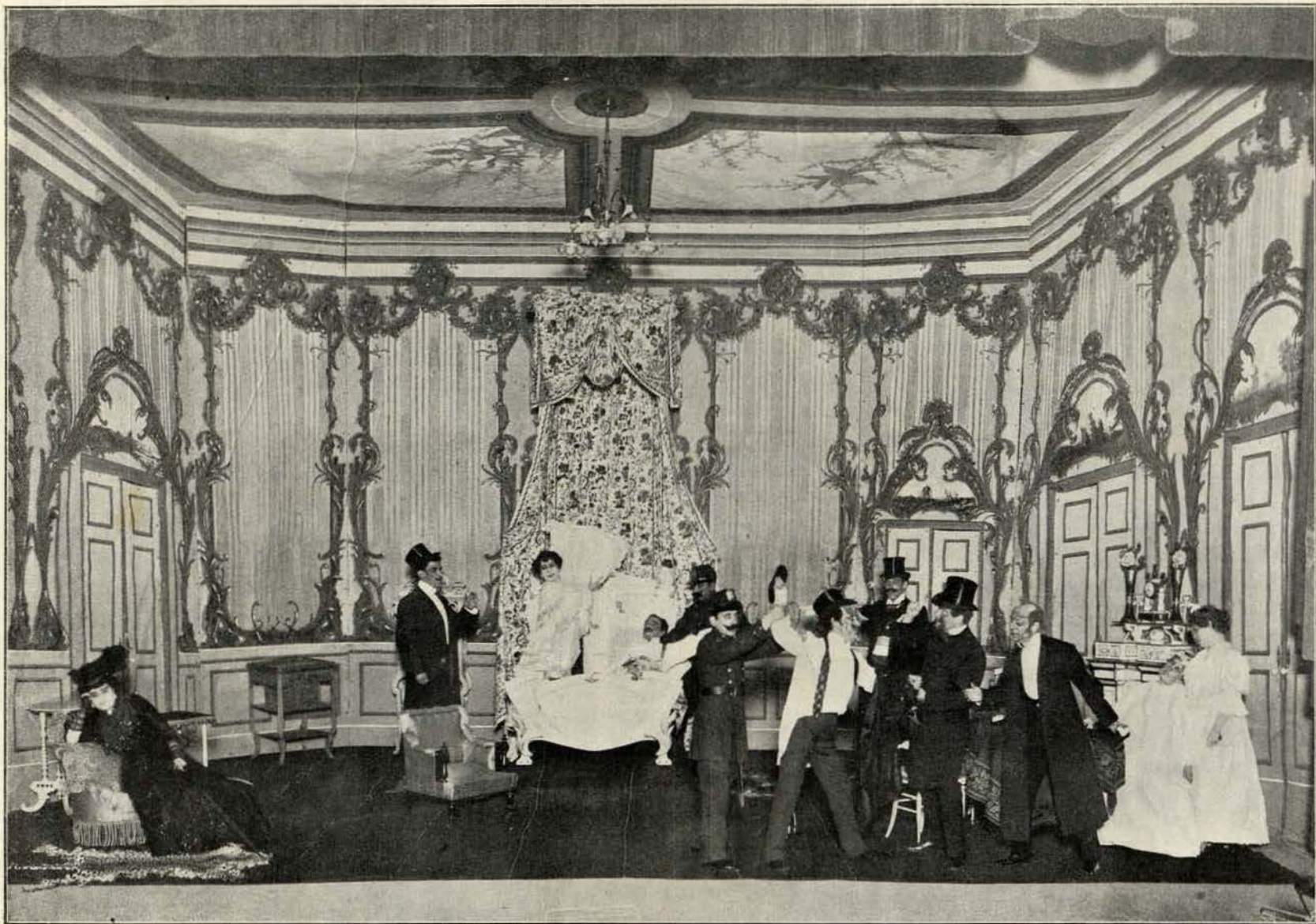
Alguns commandantes das Guardas Municipaes

Generaes conde de Torres Novas, Francisco Xavier Ferreira, Bernardo Vidal, José de Vasconcellos Corrêa, Christovão Bravo, visconde de Franco, D. Carlos de Mascarenhas, Luís Augusto Macedo, João Pedro Schualbach, barão de Rio Zézere, Henrique d'Almeida, Smith Barruncho, Abranches Queiroz, Henrique Moreira



NO FIM DA EPOCA DA CAÇA—Uma caçada em Vallongo

Quinta do Vallongo, propriedade do sr. Domingos de Mendonça e Silva, onde se realizou a caçada—Nos pinhaes da Polka, photographia do caçador padre Antonio de Almeida—Nas mattas do Vallongo: caçada aos coelhos. Da direita para a esquerda: srs. Gregorio da Cunha Abreu Peixoto, Antonio G. de Castro, Manuel Joaquim dos Santos, Domingos Pereira Alves, Verissimo Matta, Manuel d'Almeida Gonçalves—O «sportsman» Ruy de Siqueira (S. Martinho) caçando às perdizes—Nos pinhaes da Polka: o caçador rev. padre Antonio de Almeida (Padre Antonio das Caldas) e o sr. Antonio Gonçalves de Castro esperando as gallinholas batidas nos pinhaes—A caçada às codornizes: o «sportsman» Antonio Gonçalves de Castro atirando a uma codorniz—Caçada aos coelhos: Outro grupo de caçadores—Caçando às codornizes: O «pointre» do sr. Antonio Gonçalves de Castro «parando» uma codorniz.



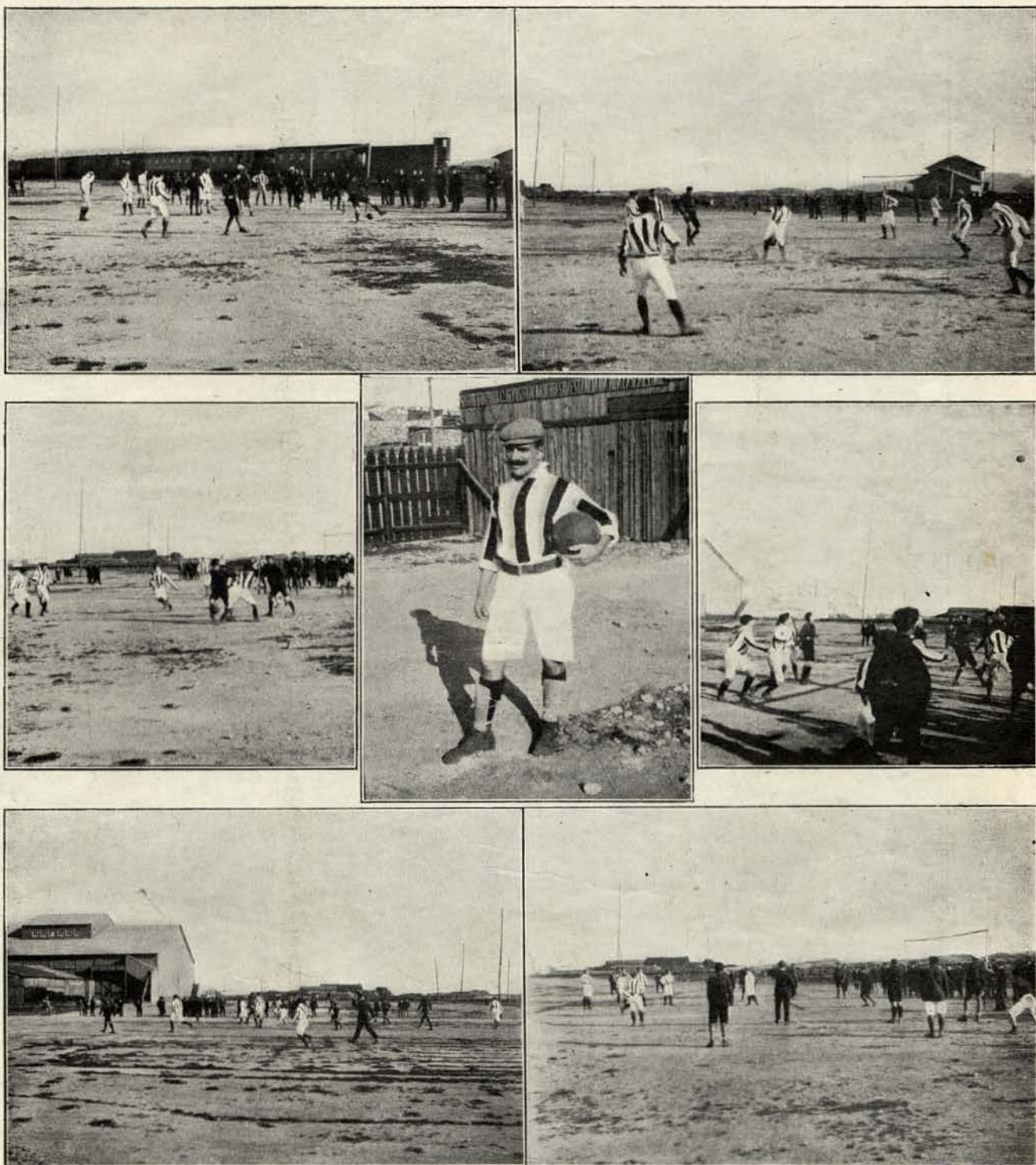
A scena final do 2.º acto da peça 'Que Noite de Nupcias', traducção de Eduardo Garrido, em scena no theatro Avenida

Amélia Lopiccolo José Ricardo



À Guarda Municipal de Lisboa—O quartel do Carmo

O quartel junto ás ruínas do convento do Carmo—A fachada do quartel—Limpando os cavallos no pátio—Uma caserna—Infantaria em ordem de marcha—O estado maior das Guardas Municipaes composto pelos srs. Canha Vianna, Simão Maria Ventura, Abreu e Silva, Ferreira Alvim e Andrade—Uma arrecadação

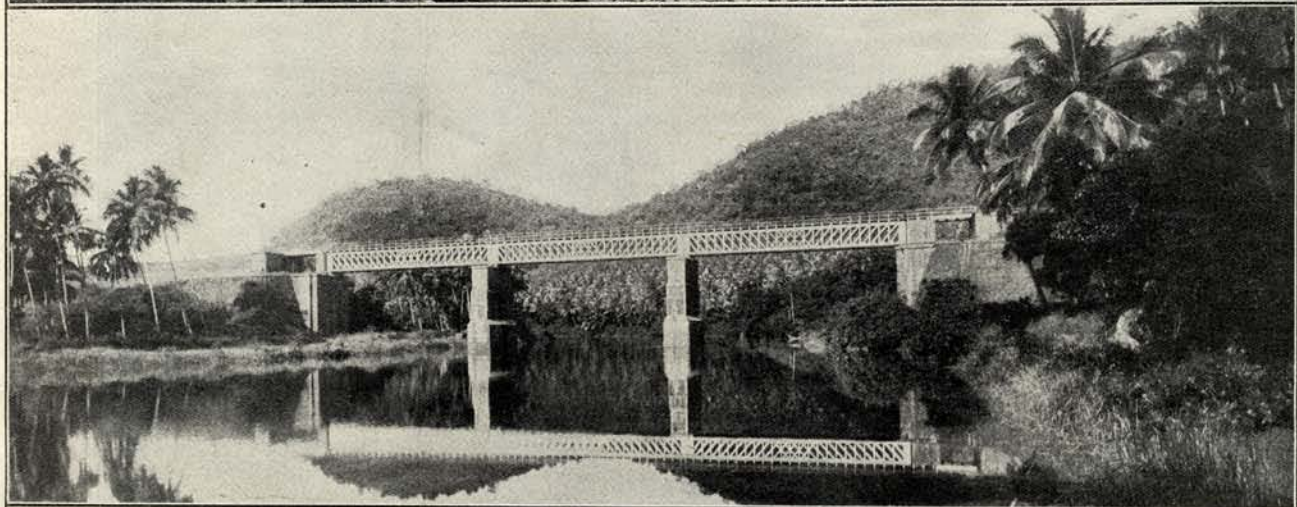


O desafio de foot-ball entre o grupo da Cruz Negra e o grupo Internacional realizado em 3 de fevereiro em Alcantara e no qual ganhou o ultimo

Uma avançada—Seguindo com a bola—Tirando a bola ao adversario—Um «half-beck»—Esperando a bola—Um aspecto do jogo—Outro aspecto do jogo



ASPECTOS DE LISBOA—A cidade vista do Castello de S. Jorge



Alguns aspectos da Índia Portuguesa

Caminho de ferro de Mormugão: Ponte do rio Sanverdem—Caminho de ferro de Mormugão: Ponte de Guther
— Igreja matriz e cemitério nos arredores de Pangim



A ratificação do juramento de bandeira na Escola do Exército em 2.º de fevereiro

Continência à bandeira—Cabo Salvador de Azevedo—A parada—O sr. general Montalvão condecorando o veterano—Fermados por pelotões—Antes da cerimonia—Alunos do 2.º anno de cavallaria

Por occasião d'este solemne acto em que foi ratificado o juramento dos alumnos da Escola do Exército, foi condecorado o cabo de veteranos Salvador de Azevedo,

que tem cincoenta annos de exemplar comportamento, recebendo por isso a medalha d'ouro. A cerimonia foi altamente interessante. O sr. general Montalvão, com-

mandante da Escola, appropiava-se do velho militar, sendo bem visivel a commoção que se apossou de ambos; o general a custo poudo prender a medalha no peito do

veterano, que deixa correr grossas lagrimas pelo rosto, bem como uma filha que o acompanha.



ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

REVISTA SEMANAL DOS ACONTECIMENTOS

DA

VIDA PORTUGUEZA

Vida social, vida política, vida artistica, vida litteraria, vida mundana,
vida sportiva, vida domestica

DIA **26** - PRIMEIRO NUMERO - DIA **26**

A **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** radicalmente transformada e extraordinariamente melhorada e ampliada, destina-se a preencher uma lacuna de ha muito tempo sensivel no jornalismo portuguez: pôr ao alcance de toda a gente, por um preço modico, a alta reportagem de todos os factos da nossa historia social, compendiada em revistas semanales, brilhantemente illustradas pela photographia, pelo croquis, pelo instantaneo, pelo desenho, pela chronica, pela anecdota, pelo interview, pela monographia, pelos concursos, pelos inqueritos, por todos os processos, enfim, de tornar fadante e vivida a historia dos costumes portuguezes contemporaneos.

A NOVA **Illustração Portuguesa** contando somamente pelo menos **32** paginas de texto, profundamente illustrado, custará apenas **100** réis, preço que representa para o nosso meio um surprehendente profligio, a que só poderia abalancar-se uma empresa de excepçôes recuadas de publicidade. Fixando esta diminuto preço a uma publicação d'esta natureza, temos especulacato por objecto radicar entre nós um genero novo de Revista que não representará nemos, na cotituidade dos seus numeros, do que uma immensa, completa e ininterrupta monographia historica da vida portugueza. Passados 50 annos, a collecção da nova **Illustração Portuguesa** terá feito a historia social, politica, artistica, litteraria e mundana do meio século. Para a realisar, esta empresa não se poupa a nenhuma especie de sacrificios materiais, remunerando toda a collaboraçã litteraria ou artistica, e sollicitando dos mais illustres nomes na Sciencia, nas Lettras na Arte e na Politica.

A NOVA **Illustração Portuguesa**, concretisando o seu programma, não poderá outretanto detalha-lo, pois que por sua propria natureza elle é imprevisto e immenso e constantemente orientado pelos factos dominantes da semana. Esta publicação será, antes de tudo e acima de tudo, uma revista de flagrante actualidade.

A NOVA **Illustração Portuguesa**, para mais ampliar o seu plano, inaugurará proximoamente o seu salão de festas, tornando-o um centro para onde convergirão todas as iniciativas dispendias, que até hoje, por falta de orientação e de estímulo se tem conservado ocultas. Assim, a **Illustração Portuguesa** promoverá, no seu vasto salão, conferencias publicas, audições musicas e litterarias, exposições de pintura, de escultura, de architectura, de artes industriales, de modas, de sumptuosidade, de mobiliario, de flores — pretendendo, n'uma palavra, centralisar todas as multiplices manifestações da iniciativa, da cultura, do trabalho e da mentalidade portugueza.

A NOVA **Illustração Portuguesa** procurará auxiliar ou tomar a iniciativa de quaisquer empreendimentos que concorram para o progresso das Artes, para o desenvolvimento da educação physica e para a diffusão do exercicio e do sport.

A NOVA **Illustração Portuguesa** abrirá amplamente as suas columnas á collaboraçã de todos os seus leitores, que lhe tragam o sabido d'uma idea nova original ou de interessantes documentos plasticos e litterarios e promoverá frequentes concursos de photographia, de pintura, de desenho, de sport, de estudos, de costumes e de monographias regionaes, iniciando no seu terceiro numero a serie dos seus concursos, o primeiro dos quaes está destinado a produzir a mais extraordinaria sensaçã no nosso meio e baterá por certo o recôr de todos os concursos até hoje promovidos em Portugal.

A NOVA **Illustração Portuguesa** empregará todas as suas forças e o mais tenaz empenho em levar aos portuguezes residentes no Brazil o relato fiel, minucioso e documentado de nossa vida nacional, de forma que a **Illustração Portuguesa** seja para elles o reflexo singularmente animado da terra em que nasceram. Nenhuma publicação, melhor do que a **Illustração Portuguesa**, poderá desamparar-se d'esta honrosa e conferencadora missão, porque nenhuma dispõe de mais largos recursos de publicidade e nenhuma outra em Portugal assentou ainda sobre mais solidos fundamentos um plano tão complexo, tão arrojado e tão vasto.

A NOVA **Illustração Portuguesa** não necessita de vantagens enormes que para a industria e para o commercio advirão da larga publicidade dos seus annuncios n'uma revista destinada a entrar em todos os lares e permanecer sobre todas as mesas e em todas as bibliotecas a cujo diminuto preço lhe assigna uma irradiação consideravel em todas as classes sociais. Um annuncio na **Illustração Portuguesa**, constituirá o melhor, o mais economico, e mais persistente e o mais efficaz dos reclames.

A NOVA **Illustração Portuguesa** diligenciará por todos os meios interessar individualmente as suas leitores, preservando e originalizando inqueritos sobre as modas, sobre a joalheria, sobre a vida elegante, sobre o luxo e conforto das habitações, sobre as artes essencialmente femininas, a hygiene da mulher, a maternidade, o lar, pondo ao facto de tudo quanto a arte e a sciencia tem inventado para lhes prolongar a mocidade e perpetuar a belleza.



A NOVA **Illustração Portuguesa** não se restringirá apenas á alta reportagem da capital, mas irá por uma rede completa e systematica de informações buscar aos recantos longínquos da provincia tudo quanto de mais modernas, villos e aldeias do Portugal possa interessar, relativo aos seus acontecimentos, á sua politica, á sua sensibilidade, á sua archeologia, á sua agricultura e ás suas industrias.

A NOVA **Illustração Portuguesa** não apresenta apenas um novo programma: inaugura notaveis melhoramentos materiaes, empregando os mais modernos e perfeitos processos de reproducção graphica e apro-

stantando em cada numero uma capa a cores, o que, para uma publicação semanal e da consideravel tiragem que éo certo vai ter a **Illustração Portuguesa**, significa um verdadeiro prodigio, digno do consar surpresa em países de mais largos recursos do que o nosso.

A NOVA **Illustração Portuguesa** iniciará ainda uma serie de inqueritos ao estado actual de progresso das industrias e da agricultura nas diferentes provincias e colonias, fazendo estudos comparativos e tirando d'ahi as deducções que mais legitimamente importem áo estudo do nosso problema economico.

PREÇO POR ASSIGNATURA

Portugal, colonias e Hespanha: Anno, 4\$800 - Semestre, 2\$400
Trimestre, 1\$200

BRAZIL - (moeda brasileira): Anno, 28\$000
Semestre, 24\$000 reis

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

A ASSIGNATURA CONJUNTA DE

6 Seculo, do Supplemento humo-
ristico d'6 Seculo

E DA

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CUSTARÁ

Para Portugal, colonias e Hespanha: Anno 8\$000; semestre 4\$000;
Trimestre 2\$000; mez (em Lisboa), 700 réis

Todas as pessoas que nos enviem uma lista com dez assignaturas annuaes da nova **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** ou dez assignaturas extraordinaria serão premiadas com uma assignatura igual **E GRATUITA** pelo mesmo prazo

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉL-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

IV

EM VIAGEM PARA O BOSPHORO

No dia seguinte, à tarde, o almirante Videau, Mérande e Dubarral, eram recebidos em Chalais pelo coronel director e todo o pessoal especial addicto aos aerostatos.

Depois das apresentações de estylo, foram conduzidos ao deposito onde esses engenhos estavam habilmente dissimulados. Ao mesmo tempo que atravessavam o magnifico parque, onde ha meio século, no recinto pacifico dos velhos bosques de Meudon, jubilosos de tascas populares, homens de sciencia tinham elabo-

rado e construidoapparelhos maravilhosos, o almirante conversava com Mérande e o coronel.

— Estarão os aerostatos capazes do sahir dentro de poucos dias, e poderão affrontar a batalha aerea?

— Creio que sim, respondem o coronel. Previ que seriam necessarios desde que se fala na invasão chinesa, e os meus fachinas trabalham n'isso activamente. Faltará apenas o pessoal ter experiencia, ao menos dos apparelhos mais antigos. Ha muitos annos que se não tem feito mobilização geral, mas nunca deixou de fazer-se em campo o estudo theorico da manobra.

— Temos seis apparelhos do typo Filante, não é assim?

— E mais quatro de um modelo recente, aperfeiçoado no anno passado, que foram ensaiados de noite no parque uma só vez, e que parecem reunir todas as qualidades exigidas.

— Sim, bem sei, disse o almirante, mas um ensaio só é insufficiente. Enfim, o commandante vao proceder ao exame e a experiencia de tudo. Poco-vos, meu caro coronel, que vos entendaes com elle com toda a confiança. Trata-se de decarregar um golpe formidavel na invasão, e não devemos poupar coisa nenhuma, nem tempo nem dinheiro nem a certeza do triumpho.

— Conheçemo-nos, o commandante Mé-

rande e eu, e toda a minha experiencia está de accordo com a d'elle.

Chegavam ao casão dos aerostatos, uma nave de trezentos metros de comprimento por cincoenta de largo. A enorme construção de ferro, parecia compor só um todo, atravessado por grandes janellas estreitas; mas os lados e o tecto eram formados de postigos de tela moveis, que se abrem e fecham movidos pela electricidade. Uma corrente poderosa circulava sem cessar n'essas folhas metallicas, tão leves na apparencia, e tornava impossivel quebra-las; o menor contacto teria fulminado o saltador audacioso que houvesse querido penetrar o segredo dos aerostatos.

Estava ali uma esquadra aerea de cruzadores rapidos, d'envolta com algumas unidades mais pesadas, mas todos fortemente armados. Se dentro em breve saíssem, a sua victoria decidiria talvez do destino da Europa.

Um dos chefes da guarnição dos aerostatos explicava a Mérande os aperfeiçoamentos do mechanismo, e, exaltando a sua solidez, sustentava que seria mister que tudo se despedaçasse para um aerostato cair sem recurso.

— Sim, disse Mérande; mas, com os nossos explosivos actuaes, isso bem pode succeder. A explosão de um torpede de electryte determina tal vibração do ar n'um raio de cincoenta metros que o aerostato pode partir-se.

— Quantos torpedes comporta cada aerostato? interrogou o ministro.

— Vinte, dez adiante e dez atraz. Mas temos aerostatos de munições, que podem seguir os aerostatos de combate, e esses comportam cada um duzentos torpedes.

— Tendes feito experiencias concludentes sobre os novos torpedes de electryte?

— Sem duvida, disse o coronel director.

— Tudo agora depende das nossas guarnições, observou Mérande.

No mesmo acto Paulo Mérande foi nomeado chefe da esquadra aerea.

D'ahi a pouco começaram as experiencias com todos os aerostatos, que ao cabo de oito dias ainda não pareciam satisfactorias. E a sua partida ter-se-ia dilatado, se não tivessem chegado noticias graves da Asia Menor e do Bosphoro. Constantinopla fora atacada, e por parte dos amarells começara a invasão e o bloqueio dos estreitos.

Havia já dias que os aerostatos tinham partido de noite, sem que ninguém os visse, quando principiou a correr uma noticia extraordinaria: — que a esquadra de Mérande tinha destruido a esquadra amarella nos arredores de Constantinopla.

V

UM ENCONTRO INESPERADO

A noticia era verdadeira. A frota aerea de Mérande tinha aniquilado os aerostatos de Timour. N'uma noite e-cura, em que a *Victoria*, o aerostato de Mérande, descia lentamente atravez do espesso nevoeiro, Paulino disse: — Está escuro como breu. Aqui será perto ou longe da terra?

— Perto, respondeu Mérande.

Palravam então sobre o acampamento de Timour, cujas tropas tinham experimentado grandes perdas com os torpedes lançados dos aerostatos inimigos. Até aquellas haviam já sustado a sua marcha sobre Constantinopla.

Passada meia hora, o aerostato pousava á beira de um rio, cuja agua se ouvia marulhar distinctamente.

Muros quasi de todo em ruinas encerravam jardins, onde havia figueiras, cerejeiras e loendros.

— Estamos aqui bem escondidos, disse Ivan, podemos sem perigo aguardar a vossa volta.

— Não, respondeu Mérande. É mais seguro subir e evolucionar na zona das nuvens entre o rio e o campo de Timour. Eu te chamarei pelo telegrapho, quando for preciso.

Mérande dirigia-se com Paulino para o acampamento de Timour, que não reccavam atravessar por irem vestidos de beduinos.

De subito, Mérande, agarrando Paulino por um braço, murmurou:

— Parece-me sentir passos...

— Sim, vem gente na estrada.

— Alguma ronda nocturna.

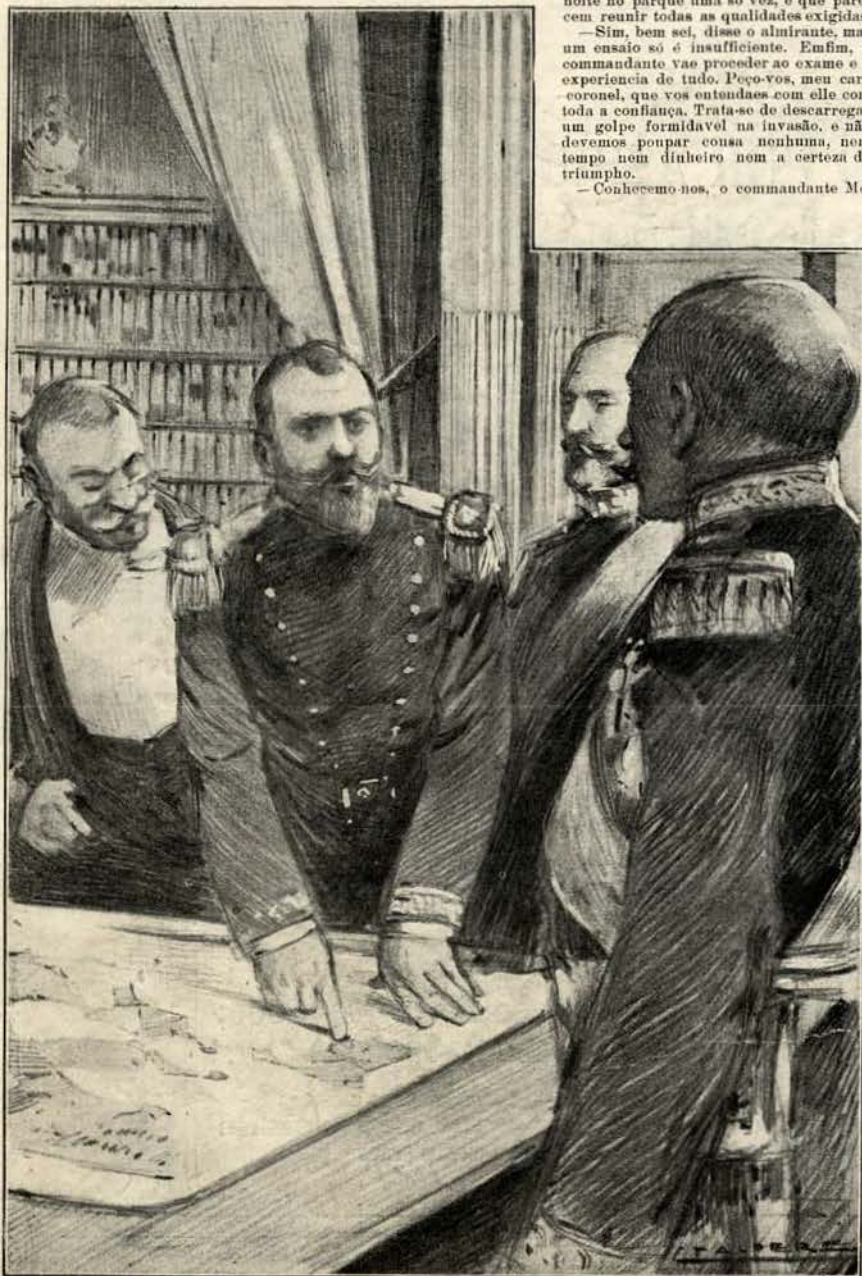
E estenderam-se ambos por detraz dos cactos. Decorridos alguns minutos, percebia-se claramente o tropear de cavallos, que se approximavam, e os dois escondidos viram parar perto dois cavalheiros.

— Ah! exclamou o que vinha adiante, eu bem sabia que seguíamos pelo bom caminho... Mas está tudo tão negro como a alma de Timour.

As ultimas palavras, proferidas em francez, e a voz, sobretudo a voz, causaram assombro indizível em Mérande e Paulino.

A mesma voz disse ainda em chinez:

— Vae reconhecer o caminho e volta aqui para te acompanhar.



MÉRANDE EXPÕE O SEU PLANO AOS MINISTROS

Falava com o guia. Quando este já ia longe, Mérande ergueu-se de chofre e, avançando para o cava, exclamou com voz tremula:

— Doutor Van Korsteen!

— Heim? Quem me chama?

— Sou eu, Mérande!

— Somos nós, repetiu Paulino.

O doutor atirou-se quasi do cavallo, e com voz entrecortada, e respirando a custo, repetiu:

— Mérande! Paulino!

Mérande perguntou em seguida a Van Korsteen por Nadia e Kanyadjé, se as via algumas vezes, e se, por seu intermedio, as poderia ver tambem. Respondou o doutor que as podia levar para o acampamento, mas não junto de Nadia e Kanyadjé, que não saíam das suas tendas, mas poderiam ir a d'elle, que as levava o ás mulheres do harem, quando era necessario, e a isso deu o seu salvamento. Perguntou depois por Timour, o soubo que estava ausente, havia tres dias.

— Meu commandante, disse Paulino, é o guia que volta. Será bom retirar-nos?

— Deixem-se estar, respondeu Van Korsteen. Eu ando em busca de uma banheira para um dos principaes generaes de Timour, ferido gravemente. Vos a leareis ás costas, e dareis commigo entrada no acampamento.

Passou o primeiro dia sem haver possibilidade de ver Nadia e Kanyadjé. Os dois amigos contaram o que sabiam, e Mérande informou o doutor de que Timour, batido pela França e a Russia, nem já podia reunir os restos do seu exercito para voltar á China.

Ao outro dia, pela manhã, houve grande rumor no acampamento, onde affluíam novos contingentes de tropas. O doutor, sobresaltado com a presença das seus companheiros, declarou que conservava os dois beduínos, dando-lhes o grau de internos do seu serviço.

Pela noite uma mulher velada veio á barraca na companhia de um official tartaro. Era uma das predilectas de Nadia, e tinha febre violenta. Chegara, pois, a occasião de comunicar com Kanyadjé e Nadia.

Van Korsteen, no recitativo, teve ensejo de escrever algumas palavras para as duas mulheres se apresentarem na sua barraca. E, quando ali chegaram, imaginou-se qual seria o seu estanto, ao reconhecerem nas dois beduínos Mérande e Paulino! Informadas de que Timour fóra vencido, Kanyadjé exclamou:

— Meu pae vencido... Morto?

— Não, não, apressou-se a dizer Mérande. Mas está em perigo. Não quero que participeis da sua ruína. Eu preciso acompanhá-lo como em Samarkande. Mas d'esta vez eu vos salvarei.

Da repente, sentiram-se em volta da barraca muitos passos, estrupido de cavallos, trombetas, clamores, vozes de commando e sons lugubres de gongs e cymbalos. Nadia e Kanyadjé recuaram aterradas.

— E' Timour que chega! disse Paulino a Mérande.

O FIM DO DRAMA

Dominando a balburdia, ouviam-se, com effeito, gritos: «Timour! Timour! E'lo que chega!» depois, sons agudos de trombetas. Approximava-se uma cavalgada tumultuosa.

Van Korsteen e Mérande empurraram as duas mulheres para o fundo da barraca, para o leito de campanha do doutor.

Mérande ordenou a Paulino que chamasse o aerostato.

Mal tinha o energico marinheiro deixado cair o panno que fechava a barraca, pararam cavalleiros á porta d'elle, e uma voz imperiosa mandava que a abrissem.

Van Korsteen reconheceu immediatamente Timour, e exclamou:

— Ah! perdão! Não sabia quem entrava aqui com tanta violência.

Timour, penetrando na barraca, não distinguia na penumbra senão formas vagas.

— Nadia! Kanyadjé! exclamou, elle com voz forte.

— Estão aqui, na verdade, apressou-se a dizer Van Korsteen, e solicitaram os meus cuidados.

Timour, que viu então as duas mulheres, aproximou-se vivamente.

— E' preciso montarem a cavallo e seguirem-me sem demora.

— O que foi então que succedeu? perguntou o doutor.

— Os meus exércitos estão destruídos pelos curpous, mas ainda não fui derrotado. A China me dará mais gente.

O seu nevrosismo asiático agravava-se com o desastre. Queria levar consigo um derradeiro trophée: Nadia, e sua filha.

Partamos, os cavallos estão ali.

De subito, entre elle e ellas surgiu Mérande, que, abrindo o albornoz, disse friamente:

— E' muito tarde, Timour. Chegon a tua hora.

Timour, recuou um passo, com o corpo meio inclinado para deante, e reconheceu quem lhe falava com semelhante audácia!

— Mérande! Ah! eu devia ter adivinhado que irias encontrar-me no meu caminho n'esta hora de desespero, a ti, o chefe dos aerostatos! Foste a causa principal do meu desastre. Fui vencido, mas vou, ao menos vingar-me do meu adversario mais temivel.

Proferindo estas palavras, Timour desembalhou o sabre, e com voz estrondosa gritava: «A mim!»

De subito, porém, Van Korsteen estendera o braço e agarrara no punho de Timour, enquanto Mérande fustamente levantava o seu revolver, e apontando para Timour, dizia:

— Mais um passo, um grito só, e mato-te!

Nadia e Kanyadjé, até então atterradas, lançaram-se

aos pés do Timour e, cingindo o pelos joelhos, dirigiam-lhe muitas supplicas.

— Commandante, disse Paulino que entrava n'essa occasião, o aerostato respondeu. Paira agora sobre o acampamento. Escutae, dá signal de estar presente.

Com effeito, ressoaram detonações terribes.

— O aerostato, disse ainda Paulino, está por cima da barraca.

— Que espere! ordenou Mérande.

Timour não bulla.

— Não temos tempo a perder, torçou Mérande com violência, dirigindo-se a Timour. Se não vos entregaeis por vontade, eu vos prenderei á força. Nada pode salvar-vos.

— Escutae o que diz Mérande, Timour, exclamou erguendo-se Nadia. Eu vos seguirei por toda a parte.

Timour lançou um olhar apaixonado aquella que elle tinha amado tanto como a Asia, e que soltava um ultimo grito de amor.

— Vós o disestes, seguir-me-eis por toda a parte Nadia!

E o seu sabre, fuzillando um relampago, decepava a cabeça de Nadia, que foi tombar oscillando, como uma flor cortada, sobre Kanyadjé, que despedindo um grito terrivel, cahiu sem sentidos inundada de sangue.

Mas uma detonação secca respondia a essas duas que-

das, e Timour rolava no chão, indo roçar com a fronte pela cabeça de Nadia.

Havia-o morto Paulino, que exclamou:

— Desgraçado de mim! Já foi tarde que eu disparei, elle matou a senhora Nadia.

Appareceram então dois generaes, um russo, outro francez, que alli havia atrahido o aerostato e o grupo que cercava a barra.

Foi com admiração que reconheceram Mérande.

Van Korsteen havia separado Kanyadjé do cadaver de Nadia. O corpo de Timour apparecia só, estendido, com o rosto virado para o céu.

— Este é Timour, disse simplesmente Mérande.

— Morto! disse o general francez.

— Morto.

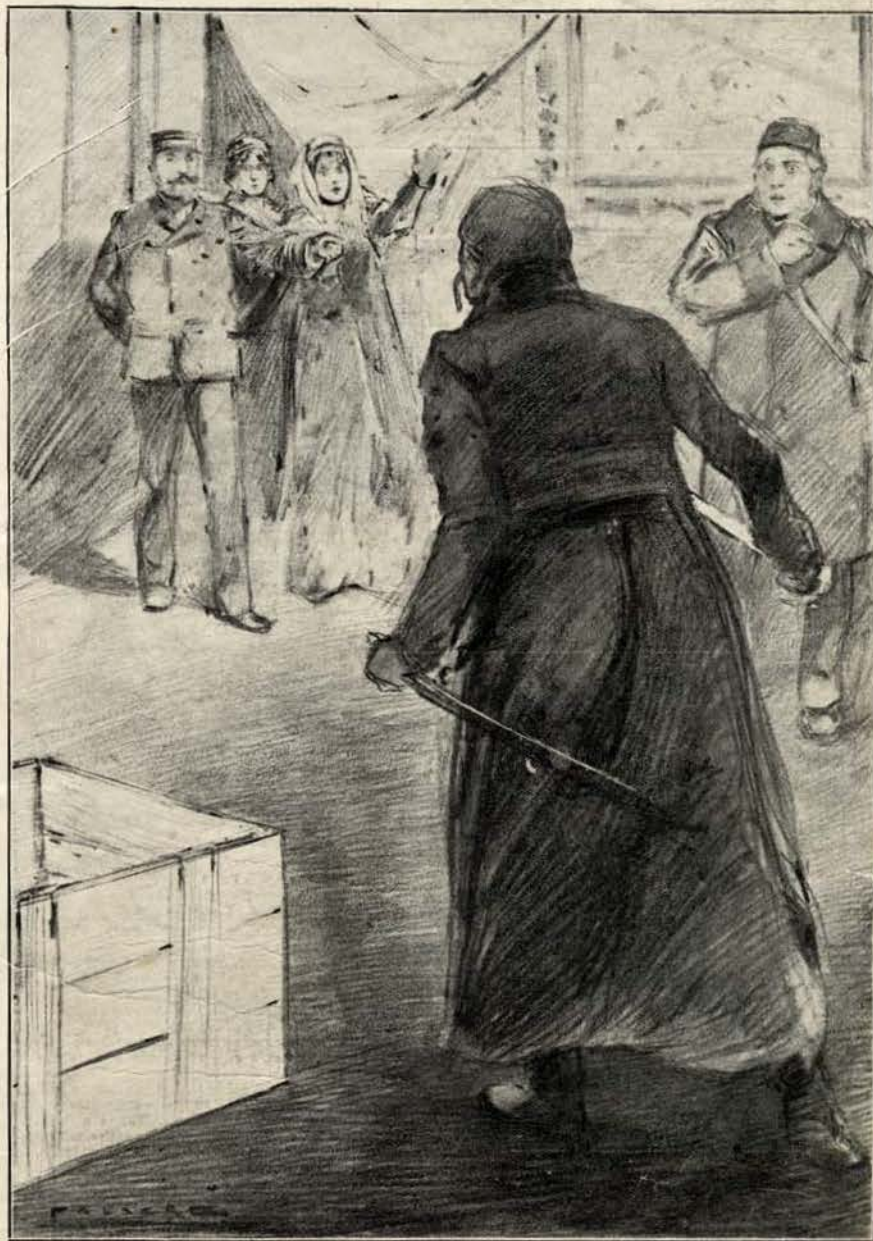
Os dois generaes cumprimentaram Mérande chamando então pelo aerostato *Victoria*.

— Van Korsteen, disse elle, fica a vossa cuidado dar á nossa desventurada Nadia o tumulo que lhe pertence na terra da Asia. Meu general, a vós o corpo de Timour, cuja morte ninguém deve ignorar.

Quanto a mim levei esta mulher, a filha de Timour. N'ella reconciliarei a Europa e a Asia.

FIM

FOLHETIM N.º 31





Um acampamento de ciganos

(Phot. do sr. Frederico Brugn.)

CHRONICA ELEGANTE

Continua sem alterações a vida mundana da capital: os theatros muito mais que os salões atraem e absorvem e por enquanto apenas uma festa deliciosamente elegante, sumptuosa e artistica logrou impôr-se como preciosa afirmação de que a arte de receber não está ainda totalmente extincta entre nós e é ainda raro privilegio de alguns. Já pouco existem hoje em Lisboa as casas em que a aristocracia da raça, de espirito, do talento, da elegancia, do bom tom e da riqueza se reuniam no mais atractivo e seductor convívio: os opulentos salões em que as damas mais formosas e illustradas confraternisavam com politicos, poetas, litteratos e diplomatas distinctos; n'essas soberbas reuniões que a miúdo se repetiam, quando mesmo não eram semanaes, a aproximação do carnaval era pretexto para folguedos espirituosos que hoje são quasi desconhecidos; as *soirées masquées* eram um attractivo brilhantissimo



FIG. 2

e mesmo os mais austeros cavalheiros não desdenhavam um *travesti* com que durante algumas horas intrigavam e se divertiam como qualquer rapaz.

Actualmente o *travesti* resume-se em as conhecidas *hi-chas* compostas de ranchos que vão invadindo à *tour de rôle* casas conhecidas e mesmo não conhecidas, com a voz, o gesto e a phrase sem saboronamente sabidas.

Dizem-nos porém que este anno estão projectadas diversas festas, em que se apresentarão novidades sensacionais e attrahentes, e cuja realisação é auctosamente aguardada.

Entretanto as *toilettes de soirée*, igualmente applicaveis aos theatros, mórmente ao lyrico em noites de gala, estão agora em plena florecencia. Nunca a moda foi tão inventiva e original como n'esto vastissimo campo em que se podem ostentar variadissimas novidades, em velludos, sedas, gazes, *monsellines*, tulles, rendas bordados em todos os generos, predominando as *paillettes*

com as suas scintillações de ouro, prata, *nacre*, cores diversas, pretas, *clair de lune*, etc., etc.

As rendas tem os contornos e lavores desenhados com *paillette* e tambem com bordados *rococo* e outros. Os tulles semeiam-se de pintas avelludadas, brilhantes, nacaradas ou coloridas.

O estilo *Empire* é, como não podia deixar de ser, entusiasticamente adoptado para *toilettes* de noite, fazendo realçar as mimosas e elegantes *silhouettes* que as sedosas ou vaporosas tunicas soltas não conseguem dissimular.

FIG. 1—*Travesti* seculo XV. Vestido *broché d'argent*; vên do gaze bordado com toucado de pedrarias e *feronière* de ouro e perolas.

FIG. 2—*Toilette* de noite em *crêpe de soir* branco com bordados e rendas *rebrodées*, o *plissé coquille* em gaze d'argent.

FIG. 3—*Toilette* de *théâtre* ou jantar em *monselline* de seda preta bordada; *habit Empire* e um *broderie* com *collete* de velludo e *plastron* de renda. Chapéu com ro-nas.



FIG. 1



FIG. 3

Em virtude dos trabalhos da nova ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, não se publica esta revista na proxima semana, findando com este numero a sua primeira serie e começando a segunda no proximo dia 26.